

ASSINE O ESTADÃO

ESTADÃO.COM.BR/Blogs

NOTÍCIAS POLÍTICA ECONOMIA ESPORTES TECNOLOGIA DIVIRTA-SE PME Opinião Rádio JT Eldorado ESPN Piauí Classificados ZAP iLocal

São Paulo Brasil Internacional Saúde Ciência Educação Planeta Cultura Paladar Aliás Blogs Colunistas Vídeos Fotos Infográficos Tópicos Horóscopo

PUBLICIDADE

• AGORA NO ESTADÃO •

ESPORTEDUTO

Dinheiro do Esporte e do DF pagou empresa do PC do B

EDUCAÇÃO

Justiça Federal no Ceará anula 13 questões do Enem 2011

MÚSICA

Marisa Monte lança CD sobre 'impossibilidade do amor'

VIAGEM

Bahamas: arquipélago é destino para todos os gostos

DOUGLAS

Grêmio frustra Corinthians e diz que Douglas é 'inegociável'



RADAR GLOBAL

O blog da Internacional do Estadão

VISÃO GLOBAL

01.novembro.2011
06:58:22

VISÃO GLOBAL: A nova onda feminista do Islã

VISÃO GLOBAL

Várias mulheres do Ennahda, partido islâmico que venceu as eleições na Tunísia, foram eleitas para a Constituinte

*MONICA MARKS, THE NEW YORK TIMES

PUBLICIDADE

Buscar no blog

Acompanhe

Assine o feed de RSS

Assine a Newsletter

Estadão no Facebook

Curtir Confirmar

Você precisa estar conectado ao Facebook para ver as atividades



Baptistão/AE

Na Tunísia, onde a [imolação de um vendedor desencadeou a primavera árabe](#), mais de 90% dos eleitores compareceram às primeiras eleições livres. Filas de cidadãos radiantes com os dedos lambuzados de azul saíam dos locais de votação, postando orgulhosamente fotos de seus dedos manchados no Facebook.

Apesar do sucesso da eleição, muitos temem que a democracia desencadeie um tsunami religioso. O partido islâmico Ennahda, banido como grupo terrorista pelo ex-ditador Zine Abidine Ben Ali, recebeu 40% dos votos – uma expressiva maioria. Uma pequena, embora influente, minoria de tunisianos seculares prevê que uma Assembleia Nacional dominada pelos fundamentalistas islâmicos revisará partes importantes da legislação de direitos civis, incluindo as que reconhecem o direito ao aborto e a proibição da poligamia.

As feministas seculares da Tunísia, muitas admiradoras do secularismo francês, veem as mulheres do Ennahda como agentes involuntárias da própria submissão. Embora o partido apoie o Código de 1956 – a lei sobre direitos das mulheres mais progressista do mundo árabe –, seus críticos o acusam de “duplo discurso”. Ele adotaria uma linha tolerante ao falar com seculares francófonos, mas pregaria uma mensagem conservadora ao dirigir-se à sua base rural.

Em vez de desenvolver plataformas sólidas próprias, os partidos de oposição seculares, como o Ettajdid, concentraram-se no alarmismo, levantando o espectro de uma tomada do poder ao estilo iraniano e a imposição da [sharia, a lei do Islã](#). Daniel Pipes e outros analistas entraram na disputa, conclamando Washington a opor-se ao “flagelo” do Ennahda e rotulando o islamismo de “maior inimigo do mundo civilizado”.

Ainda é cedo, porém, para soar o alarme. Por causa de sua participação ativa na política partidária, as mulheres do Ennahda podem ser mais beneficiadas pela eleição do dia 23 do que qualquer outro grupo. Em maio, a Tunísia aprovou uma lei de paridade extremamente progressista, parecida com a da França, exigindo que sejam mulheres a metade dos candidatos do país.

Partido há muito tempo reprimido, o Ennahda tem mais credibilidade do que outros grupos. Ele também tem um número de candidatas maior do que qualquer outro partido e, por isso, apoia a lei de paridade. Muitas tunisianas desenvolveram uma consciência política em reação à perseguição ao Ennahda movida por Ben Ali nos anos 90. Enquanto seus maridos, irmãos e filhos estavam na prisão, elas descobriram que tinham uma participação pessoal na política e a força de se sustentarem sozinhas como chefes de famílias. Quando o partido foi legalizado, em março, encontrou nelas uma ampla base de apoio.

Como foi vencedor nas eleições, o Ennahda enviará o maior bloco de mulheres parlamentares à Assembleia Constituinte de 217 membros. A questão agora é como elas governarão. Serão títeres do patriarcado islâmico ou apenas feministas que usam lenços na cabeça?

Após entrevistar 46 mulheres ativistas e candidatas do Ennahda, descobri que muitas se voltaram para a política após experimentar discriminação no emprego, detenções ou anos de prisão. Para algumas, essa eleição tem a ver tanto com a liberdade religiosa quanto com qualquer outra coisa. “Tenho mestrado em Física, mas não fui autorizada a lecionar durante anos por causa disso”, disse uma mulher de 43 anos chamada Nesrine, puxando a ponta de seu hijab com estampa floral, véu banido no tempo de Ben Ali, mas legalizado desde a queda dele.

Segundo Mounia Brahim e Farida Labidi, membros do Conselho Executivo do Ennahda, o partido



recentes de seus amigos.



Fim do mundo previsto pelos maias é um erro de interpretação - vida

1.144 pessoas recomendam isso.



FHC diz desejar que Lula se restabeleça prontamente - politica

694 pessoas recomendam isso.



Aldo Rebelo quer instituir o 'Dia do Saci' - politica

409 pessoas recomendam isso.



Unesco reconhece Estado palestino como membro pleno - internacional

632 pessoas recomendam isso.



Disco de Amy Winehouse

Comentários recentes

- Quereria todos fizessem um ato como esse , o mundo seria melhor sempre
- Não é dó, mas sim uma questão moral. “Olho por olho, dente por dente” é um tipo de justiça imbecil...
- Que morram os amiguinhos do Kadafi com L no nome com tiro atras do joelho pra sofrer so um pouquinho Corruptos FDP
- ele mandou estuprar e enterrar pessoas vivas em covas... matou famílias inteiras... merecia pior .. muito...
- Sou bixo de Eng Comp na USP. No primeiro dia, o professor entrou na sala e perguntou para os 50 novos e inocentes...

Arquivos

2011

novembro 2011 (2) outubro 2011 (65) setembro 2011 (70) agosto 2011 (79) julho 2011 (37) junho 2011 (42) maio 2011 (71) abril 2011 (22) março 2011 (13) fevereiro 2011 (42) janeiro 2011 (9)

2010

dezembro 2010 (35) novembro 2010 (58) outubro 2010 (92) setembro 2010 (56) agosto 2010 (68) julho 2010 (82) junho 2010 (60) maio 2010 (73) abril 2010 (55) março 2010 (76) fevereiro 2010 (59) janeiro 2010 (80)

2009

saúda a presença de mulheres fortes e críticas em suas fileiras. “Olhe para nós”, disse Mounia. “Somos médicas, professoras, donas de casa, mães – às vezes, nossos maridos concordam com nossa política; às vezes, não. Mas estamos aqui e somos ativas.” Elas, provavelmente, não se oporão à lei sobre direitos das mulheres.

As mulheres do Ennahda são, antes de tudo, tunisianas. Elas são bem educadas e seu islamismo é relaxado e progressista. Desde os anos 50, elas têm mais proteção legal do que suas congêneres de outros países árabes. Hoje, tentam conciliar o legado de políticas de direitos civis inspiradas nos franceses com as aspirações de um público devoto. O desafio do Ennahda é chegar a um equilíbrio.

Para tanto, o partido declarou que imitará o exemplo do AKP (Partido Justiça e Desenvolvimento), da Turquia, que reprimiu a corrupção, transformou mulheres em parceiras políticas e alcançou taxas admiráveis de crescimento econômico. Reproduzir esse modelo de moderação e prosperidade será difícil na Tunísia, um país com níveis estarrecedores de desemprego e 25% de analfabetismo. A democracia ao estilo turco pode parecer menos progressista em Túnis do que em Istambul, onde bares de clubes de dança pontilham as ruas da cidade. Existe uma chance, é claro, de que os avanços para as mulheres sejam revertidos. Como a história mostrou nos EUA, na França, na Argélia e no Irã, movimentos revolucionários nem sempre levam à igualdade de gêneros ou a políticas mais inclusivas. Em geral, as mulheres lutam pela libertação e são deixadas de lado quando se formam os novos governos.

As tunisianas, porém, estão bem situadas para evitar esse destino. Até agora, o país fez um bom trabalho ao incluir mulheres em suas instituições tradicionais, especialmente na comparação com o Egito, onde o Conselho Supremo das Forças Armadas proibiu mulheres de liderarem qualquer lista partidária. O Ennahda até agora usou seu peso político para estimular – e não para obstruir – a participação de mulheres na política. Suas ativistas estão apresentando um modelo mais acessível de “feminismo islâmico” a muitas mulheres tunisianas rurais e socialmente conservadoras.

Francas, ativas e com frequência veladas, elas se sentem confortáveis com a linguagem de piedade e política. Apesar do alarmismo dos céticos seculares e comentaristas ocidentais, suas ações e aspirações lembram muito mais o AKP da Turquia do que a Irmandade Muçulmana do Egito.

TRADUÇÃO DE CELSO PACIORNIK

*É DOUTORANDA EM ESTUDOS DO ORIENTE MÉDIO NA UNIVERSIDADE DE OXFORD

Posts relacionados

[VISÃO GLOBAL: Fé nas urnas é cada vez menor](#)

[INFOGRÁFICO: Os principais pontos do discurso de Barack Obama sobre norte da África e Oriente Médio](#)

[O silêncio da Al-Qaeda sobre a primavera árabe](#)

[A semana em sete notícias](#)

[sem comentários | comente](#)



Deixe um comentário:

Nome (obrigatório)

E-mail (não será publicado) (obrigatório)

Site



Digite o código acima:

dezembro 2009 (82) novembro 2009 (14)

Seções

A SEMANA EM SETE NOTÍCIAS (52)

ANÁLISE (7)

AO VIVO (40)

ATUALIDADES (272)

Casamento real (11)

CENÁRIO (5)

CORRESPONDENTES (14)

CURIOSIDADES (19)

Dez anos do 11 de Setembro (41)

DRAMAS ESQUECIDOS (16)

E O BRASIL COM ISSO? (13)

ESPAÇO ACADÊMICO (10)

FOTO DO DIA (59)

HOJE NA HISTÓRIA (363)

LUGAR INCOMUM (13)

Morre Osama Bin Laden (18)

NOTÍCIA EM CONTEXTO (19)

PARA ENTENDER (9)

PARA LEMBRAR (3)

PERSONAGEM DA SEMANA (19)

PERSONAGENS DE 2010 (12)

Protestos no Egito (23)

Protestos no mundo islâmico (33)

REPERCUSSÃO: Eleições no Brasil (24)

REPERCUSSÃO: Posse de Dilma Rousseff (1)

Retrospectiva 2010 (12)

VISÃO GLOBAL (139)

Websfera (147)

Tags

África 11 de Setembro Afeganistão Al-

Qaeda Alemanha Argentina Barack

Obama (EUA) Brasil Chile China

Colômbia Cuba Dilma Rousseff (Brasil) Egito

eleições Eleições Brasil 2010 Espanha Estados

Unidos **EUA** Europa foto do dia França

Grã-Bretanha Hugo Chávez

(Venezuela) Irã Iraque Israel Itália Japão

Líbia Muamar Kadafi Nova York Obama

ONU palestinos primavera árabe protestos

Rússia repercussão terremoto

terrorismo Venezuela **VISÃO**

GLOBAL websfera World

Trade Center

Blogs da equipe de Inter

- Adriana Carranca
- Andrei Netto
- Ariel Palacios
- Claudia Trevisan
- Denise Chrispim Marin
- Gustavo Chacra
- Jamil Chade
- José Roberto de Toledo
- Luis Raatz
- Marcos Guterman